

Homilias da Semana Santa

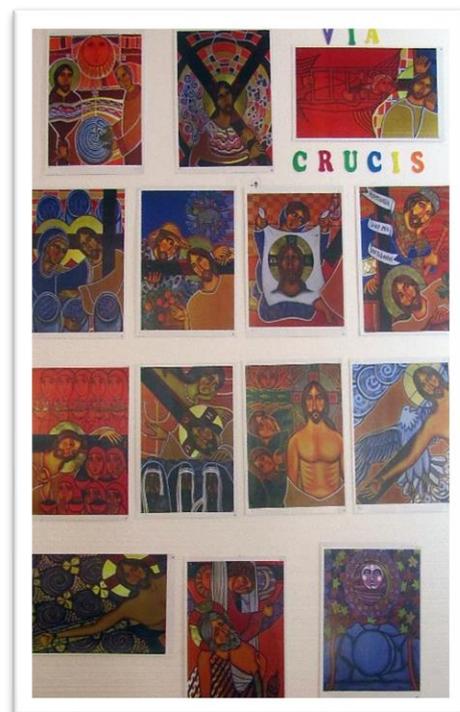
2014



Padre Ernesto Lopelka, S. D.



Perseguição e defesa
da experiência
de Deus na alma



13/04/2014 – Domingo de Ramos

Leituras: Is 50, 4-7; Salmo 21; Fl 2, 6-11

Paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus (26,14-27,66).

Que Viva Cristo Rei para sempre, eterno e bendito! Vamos! Já que querem: viva, viva, viva Cristo Rei! ... E quem mais? E viva a Virgem de Guadalupe! ... “Tomara que isso dure”, poderia dizer Jesus. A empolgação vai durar muito pouco, como flor de um só dia, porque depois dessa reiteração dos costumes de Israel, já nos introduzimos no verdadeiro sentido da entrada de Jesus em Jerusalém pois, segundo o evangelho de São Lucas, toda a vida de Jesus era para isto: chegar a Jerusalém e ali dar sua vida na Cruz.

Hoje iniciamos a Santa Missa com a bênção dos ramos e compartilhando o alvoroço do povo de Jerusalém nessa ocasião.

Embora também, lhes dizia no começo que, sem querer estragar a festa, mas com ânimo verdadeiro de não exagerar nos costumes e tradições que às vezes nos dispersam do essencial que celebramos, vamos nos focar no que acabamos de ler e meditar: a Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. O Evangelho acaba de nos mostrar como durou bem pouco o seguimento, a honra e o louvor daqueles que aclamavam a Cristo ao entrar em Jerusalém, porque quatro dias depois, quase de forma unânime diziam: *Crucifica-o, Crucifica-o!* (Mt 27,22-23). E o próprio Pôncio Pilatos, com seu gesto de lavar as mãos, aplicou “democraticamente” a ideia de que “se a maioria pede, então está bem” – e estou debochando com esse exagero “democrático” – determinando assim a crucificação de Nosso Salvador. E nesse momento da Paixão e Morte é como que o próprio Jesus culmina, eleva, centraliza e antecipa todas as agressões, violências, invejas, contradições, trapaças, mentiras e armadilhas que virão a se realizar na história da humanidade contra a experiência de Deus na alma humana. Por isso, disse o evangelista que até os justos que haviam morrido ressuscitavam e apareciam em Jerusalém (Cf. Mt 27,52-53) – não de forma física, mas espiritual – pois também neles havia se manifestado essa violência.

A história da humanidade, está lotada desses indivíduos – que geralmente são minoria, um punhadinho – e os chamamos de justos ou santos, que têm essa experiência de amor a Deus, de união e intimidade com Deus. Essa experiência é, sem dúvida, o que mais o Diabo invejava, o que mais ele e seu séquito perseguem, e aos que se

deixam tentar por ele, justamente porque ele teve essa experiência, mas a perdeu por pretender substituir a Deus ou ser como Deus, rompendo com Ele (Cf. 2Ts 2,4). Na realidade, o ser humano pode chegar a ser “como deus”, mas de mãos com Deus, unidos a Cristo seremos deuses com Ele (Cf. Sal 82,6; Jo 10,34).

E essa experiência que nós cristãos temos em Cristo, o Diabo tinha por ser um anjo de luz e o anjo mais belo que Deus havia criado (Cf. Ez 28,12-19; Is 14,12-14). Mas ele não se contentou com isso e quis ser o próprio Deus, rompendo com Ele. Assim, tentou Adão e Eva, como está dito no relato da queda, onde sua inveja ficou manifestada (Cf. Gn 3). E dali em diante quem tenha, por Graça de Deus e seletividade divina, essa experiência de unir-se a Deus, ou seja, de ter intimidade e confiança com Ele, de ter liberdade de espírito, alegria interior, sabedoria, profecia, antecipação, dom de línguas, santidade, etc., vai ser combatido, questionado e perseguido pelo Diabo ou seus adeptos mediante as tentações, tratando de enganar, destruir, desviar, e desanimar aqueles que Deus elegeu. Por isso, como diria o pequeno príncipe: “Crianças, cuidado!”, agradeçam a imensa Graça que Deus nos dá ao se revelar pessoal e intimamente a nós em confiança. E sejamos aguçados – como dizemos aqui – tenhamos os olhos bem abertos, a sabedoria bem atenta, com mansidão, mas também com astúcia. Como ontem dizia a pequena Marina: “cuida do que Deus te deu. Não somente o agradeça, mas também cuida e protege”. Porque até Pilatos se deu conta, claramente, que os fariseus e os escribas, os sacerdotes daquela época, lhe

entregavam Jesus por inveja (Cf. Mt 27,18; Mc 15,10), mas por inveja dessa intimidade com Deus Pai.

Na vida muitas vezes se produz inveja pelos bens, dinheiro, propriedades, beleza, juventude, riqueza, títulos... Pura tolice! A verdadeira inveja que produz a Paixão e Morte de Cristo é a inveja de que Jesus disse – e nele podemos dizer também nós – “Sou filho de Deus, sou igual a Deus, mas não por meus méritos, senão porque Ele me fez assim” (Cf. Mt 26,63-64; Lc 1,32). Portanto, a experiência tão íntima, profunda e pessoal de Deus, tão pouco difundida – diferente de outros talentos que os seres humanos podem ter – isso é o que realmente gera perseguição, inveja, ciúme: ser como Deus. Diz claramente a Escritura que condenaram Cristo por dizer que era filho de Deus (Cf. Mt 26,63-66), não por curar no sábado, ou por ressuscitar os mortos, ou por fazer andar os paralíticos – talentos e qualidades admiráveis – senão porque disse: *O Pai e Eu somo um* (Jo 10,30). Parece que isso incomoda. Por quê? Porque todos querem isso – e podemos ter – mas às vezes optamos por outras conquistas na vida. Bem, se tu preferiste outras conquistas e Deus te deu elas, então não reclames e não invejes os que escolheram ser como Jesus e unirem-se a Deus em oração, na intimidade, na contemplação, na vida cotidiana; e o resto não interessa absolutamente nada. São Paulo disse claramente: *tudo eu considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, eu perdi tudo e tudo tenho como esterco* (Cf Fl 3,8); e esta é uma palavra moderada, comparada à que, verdadeiramente, usou São Paulo nessa carta,

imaginem então o que haverá dito São Paulo para referir-se a tudo o mais que não seja Deus!

Esse é o motivo central da Paixão e Morte de Cristo, condenado porque se faz filho de Deus, que nos termos bíblicos quer dizer: “Deus e Eu somos o mesmo”. O próprio Jesus também o diz de diversas maneiras: *Quem me vê, vê o Pai* (Jo 14,9); *Jesus lhes dizia: Em verdade, em verdade vos digo: o Filho, por si mesmo, nada pode fazer mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que este faz, o Filho o faz igualmente* (Jo 5,19); *Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.* (Mt 11,27); *Eu e o Pai somos um* (Jo 10, 30); *O Pai ama o Filho e tudo entregou em sua mão. Quem crê no Filho tem vida eterna; quem recusa crer no Filho, não verá vida* (Jo 3,35-36); etc. Não vou transmitir tudo o que Jesus disse em relação a isso, que é o essencial. E se é o essencial em Cristo, é também o essencial nos cristãos, que somos nós. E por isso digo que Jesus sintetiza todo o Antigo Testamento, mas ao mesmo tempo antecipa todo o futuro da Igreja, até nossos dias, e ainda mais.

Nestes dias que se passaram, na Liturgia da última semana da Quaresma, estivemos meditando textos do Antigo Testamento que falam precisamente disso. Por um lado, no livro da Sabedoria diz: *Cerquemos o justo, porque nos incomoda e se opõe às nossas ações... Declara ter o conhecimento de Deus e se diz filho do Senhor... Vejamos se suas palavras são verdadeiras... Condenemo-lo a uma morte vergonhosa, pois diz que há quem o visite* (2, 12-13. 17. 20).

Assim buscam enganar o justo para que caia, para ver se Deus o ajuda. A inveja os carcome quando veem alguém que têm o que eles querem, e puderam ter tido, mas perderam.

Ou também quando Deus disse a Jeremias: *Mas tu cingirás os teus rins, levantar-te-ás e lhes dirá tudo o que eu te ordenar. Não tenhas medo deles, para que eu não te faça ter medo deles... Eles lutarão contra ti, mas nada poderão contra ti, por que eu estou contigo para te libertar* (Jr 1, 17. 19). Logicamente, era a maneira de viver de Jeremias, a do justo, o que constituía a denúncia do profeta, pois deixava em evidência as puras tolices, as dispersões ou o pecado em que viviam outros. Por isso eles rangiam os dentes e por isso mataram ou perseguiram a todos os profetas. Numa dessas, se te alegras com o êxito do outro, quem sabe compartilhe contigo também. Mas se te incomoda o êxito do outro, nunca mais em tua vida vais ter um êxito, e mais, vais viver envenenado. A inveja é assim.

Lembro também a Susana, de quem fala o livro de Daniel, que não somente era muito santa, mas muito bonita, diga-se de passagem. Numa dessas, se te alegras com a beleza de outra, talvez até ela divida e te empreste seus cremes... Ou seu cirurgião plástico! Mas se invejas a que é linda, mais feia vais ser, não só por fora, mas por dentro. Mas voltemos à história da formosa e santa Susana. Ela era muito humilde e simples, mas entre umas mulheres invejosas e alguns velhos depravados que andavam atrás dela, armaram-lhe uma armadilha e a caluniaram. Então, arriscando sua vida, ela disse: “Que Deus me salve, o que me importa o que pensam esses velhos desgraçados”. Ela

não se preocupou muito em esclarecer a sua situação perante o mundo, até que Daniel – que, justamente, ali exerceu a função de um grande Juiz, além de profeta – descobriu a trama dos malvados que haviam levantado falso testemunho contra esta mulher. Por fim, o livro relata como matam aos velhos acusadores e exaltam Susana (Cf. Dn 13).

Também no livro de Daniel é relatado o que aconteceu aos seus amigos, Sidrac, Misac e Abdênago, a quem colocam na fornalha para matá-los. Por quê? Por serem fieis a Iahweh. Aconteceu que o rei Nabucodonosor queria que todos o louvassem e adorassem como a um deus, mas quando percebe que estes três jovens judeus eram mais fiéis a Iahweh que todos os babilônicos a ele, se consumiu de inveja e os mandou à fornalha, acendendo um enorme fogo. Mas Deus protegeu os jovens, que saíram ilesos do lugar, e até Nabucodonosor teve que reconhecer que Iahweh era o verdadeiro Deus (Cf. Dn 3). Eim, poderíamos seguir o dia todo com isso.

Assim, desembocamos novamente em Cristo, sobre quem o evangelho de São João falou claramente: *Então os judeus, com mais empenho, procuravam matá-lo, pois, além de violar o sábado, ele dizia ser Deus seu próprio Pai, fazendo-se, assim, igual a Deus* (5,18). Buscam-no para matá-lo porque se fazia Deus, porque os denunciava e lhes jogava na cara os seus vícios, costumes e tradições. “Quem ele pensa que é?”, diziam. E assim como vínhamos lendo, assim terminou. Mas não “desceu do cavalo”, imaginem que iria descer! Dessa maneira, Cristo não só retoma toda a tradição

manifestada naqueles que sofreram grande violência e injustiças por serem fieis a Deus e por se manterem em união com Deus, como também antecipa toda a história da Igreja, manifestada em seus santos que até o dia de hoje seguem dando a vida, mas não “descem do cavalo”, não se distraem, não o trocam por nada, não se deixam enganar pelos “espelinhos coloridos” que o mundo propõe. E não somente o mundo lhes propõe, pois mesmo dentro da Igreja acontece isso, o qual às vezes é o pior e o mais difícil de discernir. Como disse o refrão popular: parece coisa do capeta, e é assim. Porque especialmente dentro da Igreja precisamos defender essa experiência de Deus. Onde mais o diabo vai colocar o rabo, se não na Igreja? Precisamente, por que é onde mais se encontram elegidos por Deus. Justo aqui devemos recordar novamente o que disse o Pequeno Príncipe: “*Meninos: cuidado com os baobás!*”, isto é, cuidado com as agressões, com as tentações, com os deslumbramentos, inclusive religiosos, porque pretenderão afastá-los da intimidade com Jesus, que é o mais importante. Porque muito mais importante que toda a atividade social, o serviço ao próximo, a cultura, a educação, o meio ambiente, a justiça, a democracia, a família, a saúde, os filhos, é entregar a vida por Cristo. Isso é a essência do cristão.

Com isso que Deus nos deu, da mesma forma que fizemos no mundo, também o faremos dentro da Igreja, defendendo “a cotoveladas” – como diríamos no futebol – se for preciso! Não me importa se “me derem um cartão amarelo”, me ameacem ou tentem me amedrontar. Tô morrendo de medo! Veja quão nervoso eu fico!

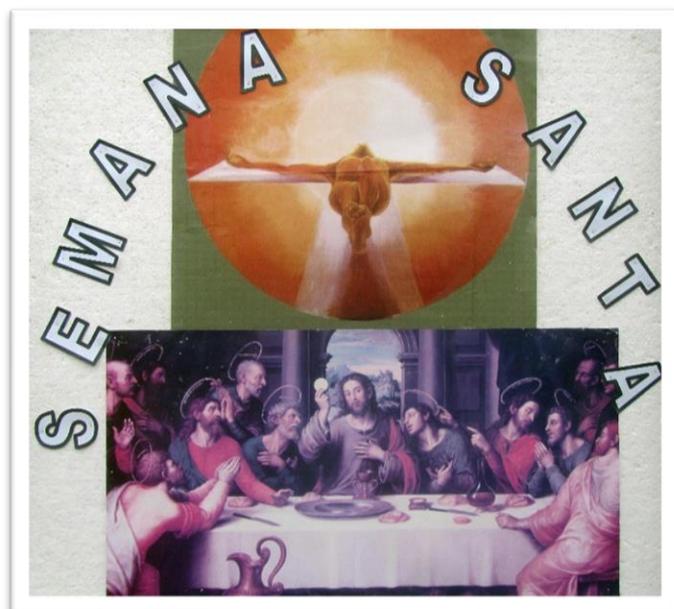
Nem durmo pensando nessas ameaças... Por favor! Se temos enfrentado coisas piores, não vamos enfrentar estas? Não temos enfrentado inclusive as provas de Deus? Então, não vamos enfrentar as provas do mundo, da “cristandade”, do próximo, da carne, do sangue ou do diabo? Não quero ser presunçoso, senão vão dizer que sou argentino, já que temos aqui a Ir. Marcela, ela sim nasceu lá. Desculpem a brincadeira, mas quero, realmente, transmitir-lhes a superioridade anímica que a experiência com Deus tem, não para ser presunçoso, mas para defender e agradecer a Deus por ela; de tal maneira que assim como Deus nos elege e quer habitar entre nós, que continue fazendo isso para sempre.

Finalmente, nesse início de Semana Santa, celebramos este Domingo de Ramos que começa muito lindo, mas termina muito doloroso... Bendito seja Deus, porque esta é a prova do amor de Cristo. Então, como não pode ser de outra maneira, a quem vamos invocar, senão aquela que, como nos diz o evangelho de São João: *Junto à Cruz de Jesus, permanecia de pé sua mãe* (19,25), Mãe da Semana Santa, Senhora da Cruz, Nossa Senhora das Dores, Mãe dolorosa, Mãe de Deus e nossa Mãe, provada na virtude, provada na perseguição. Como diz Apocalipse, capítulo 12, o diabo rondava a Mulher no momento do parto para devorar seu Filho logo que nascesse. Mas Maria, ajudada por São Miguel Arcanjo, está pisando a cabeça da serpente, por ser fiel a Deus e por defender contra vento e maré o que Deus havia lhe dado, que era, nem mais nem menos, que

seu próprio Filho, Filho de Deus, Filho de Maria e Nosso Salvador:
Jesus Cristo. Que assim seja.

Renovação

Sacerdotal



17/04/2014 – Quinta-Feira Santa

Leituras: Ex 12,1-8.11-14; Salmo 115, 12-13.15-16bc. 17-18; I Cor 11,23-26

Que a Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai, a comunhão do Espírito Santo e a proteção de Maria Santíssima, Nossa Senhora de Guadalupe e Mãe de todos os sacerdotes – que nesta Quinta-Feira Santa renovamos nossa consagração sacerdotal – estejam, queridos irmãos, com todos vocês.

Nesta Quinta-Feira Santa faremos como se fosse a primeira vez, da mesma maneira que o Senhor fazia quando nos convocava ao sacerdócio há trinta anos, ainda que muito tempo antes já o havia injetado em nossas veias e em nosso coração, chamando-nos ao amor com Cristo, com exclusividade. Depois deste chamado, veio um tempo de preparação, mas especialmente de seguimento de Cristo, naquela figura mediadora de meu pai, Pe. Montes, que foi o modelo

fundamental a despertar em mim a vocação religiosa. Assim, depois desse tempo de entrega e preparação dentro do carisma particular de nossa Instituição Dalmanutá, fui ordenado sacerdote para a glória de Deus e também para o serviço de nossos irmãos.

E essa renovação sacerdotal é o que estou convidando-os a compartilhar nesta Quinta-Feira Santa, já que desde o Batismo cada um de nós também é sacerdote, e partir dali os que somos batizados em Cristo vivemos o sacerdócio. Hoje bem poderia dizer o mesmo que disse o teólogo alemão Karl Rahner, ao completar os seus 25 anos como sacerdote (ainda que eu já tenha completado alguns a mais): “Faria de novo”. Por isso, sem tanta pompa e nem alvoroço, simplesmente, volto a fazer o mesmo, porque não estou arrependido.

Desta maneira, 30 anos depois renovamos o amor, como suponho que também o faça cada matrimônio, namoro ou consagração, qualquer que seja o caminho que Deus nos tenha dado, ao menos ano a ano para o aniversário, ou para o 14 de fevereiro (dia de São Valentin em que se comemora o dia dos namorados no México), ou para alguma data em particular. Isto é, fazemos como se fosse aquela primeira vez, para que o primeiro amor não só nunca se apague, como também, renovado, jovial e novo, continue agradando a Deus e também nos concedendo a plenitude.

Assim sendo queridos irmãos, neste Tríduo Pascal da Semana Santa, que iniciamos com a Santa Missa, estou convidando-os a renovar nosso próprio sacerdócio; vocês o desde o batismo e eu, desde a Ordenação Sacerdotal. Então, iniciemos esta Eucaristia a exemplo

de Cristo e de Maria Santíssima e, com a humildade de nossos corações reconheçamos nossos pecados.

Leitura do Evangelho segundo São João :

Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.

Durante a ceia, quando já o diabo colocara no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de entregá-lo, sabendo que o Pai tudo colocara em suas mãos e que ele viera de Deus e a Deus voltava, levanta-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois coloca água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido.

Chega, então, a Simão Pedro, que lhe diz: “Senhor, tu, lavar-me os pés?!” Respondeu-lhe Jesus: “O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde”. Disse-lhe Pedro: “Jamais me lavarás os pés!” Jesus respondeu-lhe: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo”. Simão Pedro lhe disse: “Senhor, não apenas meus pés, mas as mãos e a cabeça”. Jesus lhe disse-lhe: “Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está inteiramente puro. Vós, também estais puros, mas nem todos”. Ele sabia, com efeito, quem o entregaria; por isso, disse: “Nem todos estais puros”.

Depois que lhes lavou os pés, retomou o seu manto, voltou a mesa e lhes disse: “Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de

Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais (Jo 13,1-15).

Queridos irmãos:

Espero que tenham a mesma alegria, gozo e emoção que nós vivemos ao renovar nosso sacerdócio, precisamente nesta Quinta-Feira Santa, quando tudo se concentra na Última Ceia, na Paixão, Morte e antecipação da Ressurreição de Cristo. “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6,54), disse Jesus. E em um dia como hoje, os discípulos comiam a carne de Cristo, sob a forma do pão e do vinho, e assim, o próprio Jesus, instituía a Eucaristia, deixando-nos como testamento a Santa Missa, para do mesmo modo nós renovarmos o que ocorreu naquele momento. A Missa não é uma repetição, nem uma recordação daquele momento, é uma reedição. O próprio Cristo, através do sacerdote, volta a ser o protagonista da Última Ceia, como há 21 séculos sucedeu.

No Cenáculo de Jerusalém o Senhor também servia a seus discípulos no Lava Pés, e ali mesmo instituía, especialmente, o sacerdócio cristão. Pessoalmente, então, relembrar aquele momento é também relembrar o momento no qual nos sentimos chamados a entregar a vida por Cristo, e espero poder compartilhar com vocês a emoção, gratidão, e alegria da renovação sacerdotal. Mas as experiências são todas distintas porque, como diriam lá na minha

terra: “Cada louco com sua mania”, e a verdade é que, se fosse por mim, nunca teria pensado em ser sacerdote, senão fosse o próprio Senhor tê-lo pensado. É verdade que procedo de uma família católica, benditos sejam meus pais que me batizaram, me transmitiram a fé, me puseram em colégios católicos, e benditas as Irmãs religiosas que me ensinaram. Quando estive no meu país no ano passado, encontrei a Ir. Anita que foi minha professora no 2º ano do Ensino Fundamental. Te recordas, Carolina, que a Irmã foi a Melilla? Não podia acreditar! Apesar de sua idade, veio acompanhar-me.

Assim, graças a Deus, meus pais me transmitiram a Fé, não há dúvida. Mas agora, estou falando de vocação religiosa a qual, sinceramente, nunca antes tinha pensado; e menos ainda quando já tinha despertado em mim outra paixão, já que estava absolutamente apaixonado, mas, do futebol, verdade seja dita. Enfim, hoje em dia, com o YouTube, o Facebook, e tudo isso, aparece toda a nossa história e já não podemos dissimular nem um pouco sobre o que estivemos fazendo. Essa paixão foi para mim muito maior que a do amor humano, que também eu experimentei, e por ela até hipotecamos possibilidades afetivas, de nos casarmos, de noivar, etc., porque havíamos nos casado com o futebol. Essa era a minha paixão. Disso vivia, disso falava, tudo eu interpretava desde esse ponto de vista; quando menino, o meu sonho era ser, algum dia, jogador de futebol, minha fantasia era jogar na equipe dos meus sonhos que era o Nacional, do Uruguai. Para situá-los, salvando as distâncias, como são América e Chivas daqui do México, é mais ou menos como

Nacional e Peñarol lá no meu país. Diga-se de passagem, para poupar explicações, aos 19 anos estava jogando na primeira divisão, na equipe dos meus sonhos e no estádio Centenário, que é como o Azteca aqui, embora construído muito tempo antes, mas de um tamanho similar.

Essa era a minha paixão e nunca me passou pela cabeça pensar em outra coisa. Claro que, por graça de Deus, não havia perdido a fé, pois toda noite, mesmo após andar por vários lugares que só Deus sabe, não dormia sem rezar uma “Ave Maria”. Não sei o porquê. Ou melhor dizendo, claro que sei: é a Virgem Mãe de Deus que nos agarra e nos pega pela mão, e não nos deixa escapar, como mãe teimosa que é, bendita teimosia! Enquanto tínhamos esquecido de tudo, Ela, logicamente, a exemplo de seu Filho, não tinha se esquecido de nós. E de noite a “Ave Maria” sempre estava, era como um pilar que tínhamos.

Nessa época eu era muito feliz com meu futebol, viajando, já profissionalmente maduro – por mais que de idade ainda era muito jovem – e com muitos projetos de vida. Uma vez fomos com meu pai visitar um sacerdote, que era um antigo pároco nosso, que tinham enviado para outra cidade, e o sacerdote – não quero lhe desmerecer, nem coisa parecida, quero apenas transmitir até onde ia a minha paixão – como é de costume, falou-me da Santíssima Virgem, da Eucaristia, dos Anjos da Guarda, da Santa Missa, como se supõe que os sacerdotes devem fazer. “Ok”, lhe disse: “que bom Padre, que bom”. E logo eu lhe falei do meu futebol, pois cada um fala do que o

apaixona. À tarde ao invés de acabarmos em uma procissão, acabamos no estádio. E, logicamente, o sacerdote e meu pai, acabaram torcendo pelo meu time, o Nacional. Vocês perdoem o exemplo, mas o que eu quero dizer é que eu estava mais apaixonado por meu futebol que meu querido amigo por seu sacerdócio... Pelo menos naquela tarde.

Bem, para resumir a questão, é que logo encontro um sacerdote frente ao qual, quando o conheci, disse: “Isto sim é o que eu estava buscando; este sacerdócio sim”. Não era o sacerdócio paroquial, não era o sacerdócio educativo, nem catequético, nem dos pobres, nem dos hospitais, que tanto mérito têm – Madre Tereza de Calcutá tornou-se santa ali; nem sequer era um sacerdócio dos conventos como de Santa Terezinha ou dos monges de clausura, onde também fiz uma experiência – mas, queridos irmãos, o sacerdócio dedicado à direção espiritual; à vida convocada ou dedicada a servir a Deus, Nosso Senhor, estar a sós com Cristo e a servi-lo mediante a atenção personalizada, onde entendíamos – e seguimos entendendo 30 anos depois – que chegamos à profundidade do ser humano, não somente na superfície, a uma emoção ou um momento, mas à alma. É aí, na confissão, no arrependimento ou, como dizemos, no quartinho das queixas, aonde, realmente, nós vamos jogando a vida. E isso não sai nos jornais, nem no Facebook, nem no Yahoo; isso é só perante Deus, no segredo da confissão, ali é onde a gente vai jogando a vida.

Ao descobrir que isso era o que Deus queria, o segui. E os primeiros surpreendidos foram meus amigos, que poderiam ter me

dito: “o que fumaste Ernesto, o que tomaste, o que está acontecendo hoje? Estás louco!” etc. Graças a Deus, a maioria das minhas amizades me respeitaram, obviamente, e um só – que telefonou do meu País justamente ontem, por outro motivo – foi o único que me disse: “te parabenizo pelo que fizeste”. Ok, bem, muito bem. Naquele momento, imaginem, abandonei todo o resto, e isso, para quem não compreende o que se está vivendo, parece um esbanje e um desperdício das coisas, ou perder oportunidades profissionais e econômicas etc. Mas, comparado com o que a gente se compromete, o que se deixa para trás é nada. Isso é lógico, porque quando a gente está entusiasmado com algo não se dá de conta do que passa ao lado ou o que vai deixando. É Cristo quem está te chamando, é Jesus que quer estar contigo e te diz: “Vem comigo”. E com as demais coisas realmente não sei o que acontece, nem com meus pais, nem com meus irmãos, nem com meus amores, nem com meus projetos, nem com meu futuro. Nesse momento tinha uma profissão para concluir, a psicologia, que eu queria deixar porque dizia para mim mesmo: “Para que eu quero isso?”. Mas o próprio sacerdote me disse: “Já que estás quase terminando, te formas e depois ingressas no seminário”.

Portanto, lembrar aquilo é voltar a lembrar aquele primeiro amor arrebatado, louco, fresco, jovial, espontâneo, absolutamente afetivo, não ideologizado – não tenho muito para especular sobre aquele momento – é o direto. E insisto que, verdadeiramente, não foi por meus méritos. Por isso Rahner, este grande teólogo da Igreja Católica, ao completar 25 anos de sacerdócio, disse simplesmente:

“Não lamento, voltaria a repeti-lo, foi Deus quem me chamou”. E na realidade não é o homem o homenageado neste caso, mas o único que o ser humano faz é se prestar e dispor a tomar estas datas ou circunstâncias como motivo de dar graças a Deus. Então, pedimos a Deus perseverança nesse nível direto e imediato para celebrar a Ele.

E devo dizer-lhes que não somente é Deus quem nos chama, senão que é Deus quem responde. Tenho que rir para não chorar, e não quero escandalizá-los com o exemplo, mas isso é como se disséssemos no futebol: “é Deus quem cruza e é Deus quem cabeceia”. É Deus quem dá o presente e é Deus quem agradece o presente que lhe damos. Como quando dei aquele presente “tão original” para minha mãe, se recordam? Primeiro lhe pedi dinheiro para comprar o presente e ela me deu, logicamente, pois seria seu aniversário no dia seguinte. E pela manhã apareci com o seu presente, o que havia comprado com o seu dinheiro. O que pensei em comprar para minha mãe? Creio que tinha 6 ou 7 anos: uma bola de futebol. E minha mãe encantada: “Obrigada meu filhinho, não sabes quanto eu desejava uma bola... O quanto eu sonhei com esta bola de futebol, meu filhinho, não imaginas!” Ou seja: ela me dá o dinheiro, me agradece e depois me empresta a bola, porque depois de uns 10 minutos eu olhava a bola e dizia: “Mamãe, enfim, vais usá-la agora?”. “Não meu filhinho, agora não”. “Bom, digo, se não vais usar, me emprestas? Em seguida te devolvo”. Foi assim. Que descarado!

Mas vejam, é isso mesmo o que se passa na relação com Deus: Ele é quem nos chama, Ele é quem nos dá a força – vejam se alguém

terá a força de responder de maneira direta, espontânea, imediata, deixando tudo – e depois, ainda, nos agradece: “Obrigado por ter me seguido”. Não pode ser! É, aproximadamente, como minha mãe com a bola de futebol.

Estamos relembrando a vocação e nossa consagração, como na primeira vez, quando não achamos outra maneira melhor de responder a Deus, para estar com Cristo, que consagrar-se em pobreza, castidade e obediência. Porque não encontramos melhor forma de responder. É como quem deseja presentear não só com o melhor, mas com tudo. E estes são os votos religiosos, estes são os conselhos evangélicos. Claro que até os nossos dias alguns seguem discutindo-os, pois bem, se Cristo quis ser pobre, celibatário e obediente, eu digo: vão discutir com Ele! Pois para quem ama, seu desejo é se entregar e, quem ama quer presentear, e presentear-se é dar-se plenamente. E o que cada um de nós têm de melhor é sua liberdade, seu afeto, seu tempo, sua vida, seu coração, seu corpo. “O que mais devo pensar em dar a Deus, senão o melhor?” Além disso: tudo.

E lhes repito que não somente trata-se de um Deus que chama e que responde, mas que ao mesmo tempo também vai nos mostrando os passos. É um Deus humilde que se encarna; não é um Deus nas nuvens, fantasmagórico, ou sei lá de qual misticismo, mas é um Deus que, como lhes disse, se encarna através de um sacerdote, de uma congregação, de um carisma. Eu não sei o que seria de mim se não existisse o carisma de direção espiritual. Não sei. Seria absurdo se nos puséssemos a dizer: “e se isso não houvesse ocorrido?”. “E se eu não

tivesse nascido em tal lugar?”. “E se meu pai não tivesse conhecido minha mãe?” Essa bobagem é perda de tempo. A história marcou assim. É verdade que tive outras oportunidades, no entanto, nenhuma mexeu comigo. Esta, ao contrário, bastou vê-la e a segui até hoje. Eu não sei quanto tempo faz, já perdi as contas porque estou velho. Faz 30 anos que eu sou sacerdote, mais todo o tempo de preparo anterior – que foram como uns 6 anos – mais 4 ou 5 anos prévios... Façam a conta vocês!

Então, é como se os votos religiosos viessem a ser, justamente, as formas adequadas. Isso é o que hoje estamos renovando. E voltamos a dizer o que diz Rahner: “Voltaria a fazer”. Porque não há outras formas mais adequadas de entregar a vida e de agradecer Àquele que nos tem chamado. É também dessa maneira como Cristo nos transmite a vocação, a consagração, os votos religiosos. É dessa maneira que lhes estou colocando – e não de outra – como vivemos o sacerdócio neste carisma de Direção Espiritual, de nossa Instituição Dalmanutá.

Chegávamos aqui em Tijuana em 1994, com o Pe. Andrés, quando éramos jovens, bonitos, bons... Há uns 20 anos atrás! E viemos com o sacerdócio – que é o que hoje estamos renovando – como instrumento, como arma, para poder servir às pessoas, não como finalidade. Pode ser que em outras congregações, ou nas paróquias, ou no clero, se viva de outra maneira. Mas em nossa congregação o sacerdócio é um instrumento adequado para a Direção Espiritual, mas não é a meta. Basta ver que temos aqui duas religiosas

de nossa congregação, as Irmãs Carolina e Marcela, com o mesmo carisma que eu tenho, com uma única diferença, logicamente: que não pretendem ser sacerdotes. Portanto, o sacerdócio não é o objetivo, é um instrumento, é um ministério, é uma arma fundamental. Para quê? Para transmitir Cristo às pessoas. Mas nós o fazemos através da Direção Espiritual. E em meu caso, graças a Deus, também com o ministério da Eucaristia, da Confissão, da Primeira Comunhão, dos Casamentos, dos Batismos, de tudo o que vocês nos veem fazer aos domingos, mas não de maneira paroquial, senão de maneira instrumental para o crescimento da Fé.

Isto quer dizer que aqui não é um posto de gasolina, aonde se vem receber os sacramentos e depois se vai embora e, quando se esgota o combustível, voltam. Isto talvez aconteça em outras paróquias, não sei. Mas esse é o nosso Carisma. Nosso Carisma é a Direção Espiritual, o aprofundamento da fé, o crescimento na vida espiritual, na vida de contemplação, na união com Deus, o qual vai pedindo e necessitando cada vez mais coisas, logicamente. Vai necessitando servir ao próximo, comungar, confessar, batizar seus filhos, confirmar seus filhos, ratificar os matrimônios, abençoar as casas etc. Tudo vai se ramificando, mas como instrumento, como disse Santo Inácio de Loyola.

O Sacerdócio que vivemos, para a glória de Deus, para nossa satisfação e para o serviço das pessoas, é em função desse apostolado de Direção Espiritual, que não é o único modo de viver o sacerdócio. Hoje, Quinta-Feira Santa, todos os sacerdotes renovamos o nosso

sacerdício. E Deus, que é muito criativo, dá a cada um de nós diferentes carismas, estilos, personalidades, etc. Por isso há tanta variedade na Igreja. A vocês veio a sorte ou o azar de conhecer este servidor. Mas se não lhes agrada, na paróquia do lado há outro que é mais bonito, mais inteligente, mais simpático e quem sabe, algumas vezes, até tragam algum presente em vez de pedir algo... Enfim, a Igreja é muito ampla. Há lugares onde se canta em latim, e outros onde se canta com guitarra, aqui nem guitarra temos, não é Paco?... Aqui – presumo – só temos um músico, nada mais.

Como disse São Paulo, há muitos carismas na Igreja (cf. 1Cor 12,27-31); nós agradecemos este, nós renovamos este. E damos graças a Deus em primeiro e fundamental lugar, mas também agradecemos às pessoas que confiaram em nós. Não somente àqueles que nos serviram de mediadores, de modelo, de protótipos, como o Pe. Montes, ou também poderíamos recordar ao Pe. Andrés, ou àquele Pe. Andiön que nos honrou com sua amizade, como tantos outros sacerdotes que nos serviram diretamente de modelo. Mas também agradecemos àquelas pessoas – e aqui estão incluídos a maioria de vocês – que nos confiaram sua alma, que nos trataram como sacerdote, que nos trataram como eleitos, como guardião dos segredos mais delicados e profundos que têm. E não somente como quem se confessa por obrigação, mas como quem confia sua alma, como quem te transmite suas fantasias, suas vergonhas, seu passado, suas ilusões, seus desejos. Essa intimidade confiada a nós no âmbito da Direção Espiritual, é isso o que também agradecemos neste dia.

Somos sacerdotes por Deus e também somos sacerdotes por causa pessoas que nos tratam como tais. Dessa dialética entre Deus e os homens é que vai amadurecendo o carisma sacerdotal. Às vezes se critica um sacerdote que está cansado, que é chato, ou sei lá, mas vejam que isto é dialético, ou seja, é a pessoa, sim, mas também é o povo. Conforme me tratas eu também reajo. Se tu pensas que eu não sirvo para nada, talvez me acostume e não sirva para nada. Mas se tu pensas que sou bom, inteligente, que prego muito bem e dou bons conselhos, e então vens pedir conselho, quem sabe daqui a pouco até me esqueça de quem sou e dê bons conselhos, e pregue bem, e tenha força para atender o que for, e sabedoria para resolver conflitos, ou palavras certas, ou ouvidos pacientes; por que às vezes, se não temos a sabedoria para falar, talvez tenhamos menos ainda para escutar, para saber ouvir, para saber ter ouvidos, que é um sagrado dom. Porque este é um ofício tão duro, difícil e exigente, e ao mesmo tempo plenificante.

Meus colegas, os psicólogos, diriam que: da mesma maneira os que te depositam a sujeira, também te depositam as graças. Porque ao compartilhar a alma, se compartilha o mais rasteiro, mais baixo – perdoem a imagem –, como que te vomitam, e para isso que estamos aqui. Não gostas? Dedicar-te a outra coisa, há muitos ofícios na vida. O ofício de “lixeiro espiritual” – porque assim nos chamam – “o que cura a alma”; para curar precisa-se arregaçar as mangas, como os médicos, se não gostas de sangue, não te dediques a medicina. Se não gostas disso, se te desagrada, se não tens paciência, se és neurótico e

tratas mal às pessoas, não te dediques a isso, dedica-te a outra coisa. Existem muitos ofícios que muito agradam a Deus. Mas neste, assim como te transmitem o mais baixo, também te transmitem o mais alto. E é mais doloroso ou difícil, mas também, acompanhando Cristo na cruz, é o mais plenificante.

Então, podemos dizer com Rahner que estando agradecido às pessoas que tem vindo a nós buscando a graça de Deus, e também pedindo perdão se temos servido de escândalo ou tropeço; agradecidos, finalmente, a Deus e a sua graça inefável, voltamos a dizer que confiamos em Deus, voltamos a confirmar nosso sacerdócio que é testemunhar a verdade de Deus nas trevas deste mundo, anunciar o Reino de Deus no meio da confusão desta época, é distribuir a graça de Deus a um povo não santo, é representar a Igreja de Deus no meio deste mundo, para que realmente seja sinal de que veio a graça de Deus e que Ele concluiu a aliança eterna entre Deus e os homens, a qual se apoia na fidelidade inquebrantável de Deus e não na capacidade ou nos erros das pessoas. Este ofício, como dizíamos, é um ofício que responde ao chamamento de Deus, que também é o mais ameaçado e difícil, mas também é o mais elevado e precioso. Por isso, com Rahner, 30, 25, 10 ou 5 anos depois, dizemos que não lamentamos. Em plena confiança voltamos a tomar sobre nós o sacerdócio, inclusive depois de 25 anos, e dizemos, especialmente aos mais jovens: atrevam-se, vale a pena, pois é Deus que nos move a isso (ele está falando, justamente, com um grupo de seminaristas). E se Ele o faz, chegará a cumprir-se plenamente e não ficará só em

um bom começo. Dá-nos Senhor a perseverança eterna. Perseverança na dor, perseverança na fé. A quem se deve – Deus – o começo e o meio, Ele nos fará a mercê, a mim e a vocês, da eterna culminação do sacerdócio e da vida em sua graça que não conhece arrependimentos.

Finalmente, como não pode ser de outra maneira, a quem vamos invocar nesta Quinta-Feira Santa senão Àquela que, embora não estivesse presente no Cenáculo de Jerusalém, nem foi sacerdote com suas mãos, é a Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote. Ela é a dona do sacerdócio cristão e é sua súplica é onipotente. Ela diz a Deus: “Vem para cá” e Ele vem; “Vá para lá” e Ele vai. Deus obedece a esta que, sem ser sacerdote, é a dona e a Mãe de todos os sacerdotes. Lhe pedimos mais uma vez que, assim como nos “segurou pelos cabelos” e não deixou que nos perdêssemos, porque Ela assim o quis em sua misericórdia – não porque tenhamos querido, pois brigávamos o tempo todo – que Ela siga intercedendo por cada um de nós, ministros ou batizados, para que o sacerdócio real que hoje renovamos nesta Quinta-Feira Santa não somente nos mantenha perseverantes na fé até o fim dos tempos, mas que espiritualmente o sigamos exercendo no Reino dos Céus. Que assim seja.

Contradições a Deus na Alma



18/04/2014 – Sexta-Feira Santa

Leituras: Is 52, 13-53,12; Sl 30, 2.6.12-13.15-16.17.25; Hb 4, 14-16; 5, 7-9

Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ou seja: Em nome e no sinal da Santa Cruz de Cristo Nosso Senhor. Ia olhar para a esquerda (ali geralmente está o crucifixo), mas hoje temos o crucifixo na entrada do templo. Em instantes o traremos em procissão ao altar para adorar e beijar a cruz; pois é neste símbolo, com este instrumento, dessa maneira e não de outra, que Jesus Nosso Senhor, em um dia e uma hora como hoje, completou e culminou a tarefa de nossa salvação. Então, queridos irmãos, que a graça de Deus, Nosso Pai, o amor de Jesus, seu Filho, a unidade do Espírito Santo e a proteção de Maria Virgem, Nossa Senhora de Guadalupe, que estava junto da Cruz de Jesus (Jo 19, 25), estejam com todos vocês.

A liturgia católica prevê para hoje maior desnudamento nas imagens dos altares – por isso vemos menos símbolos – precisamente para lembrar àquela cena em que Cristo é despido: só diante do Pai,

sem nada e nem ninguém para acompanhá-lo, entregando sua vida na Cruz por todos os homens. Nós colocamos algumas velas e toalhas, mas deveria ser no despojamento total, na pobreza e desprendimento total, à imagem de como o próprio Jesus nos redimiu. E ainda que tampouco esteja previsto – “melhor que sobre e que não falte”, diriam em meu país – aproveitamos para iniciar esta celebração, a exemplo de Cristo, manso e humilde de coração, para reconhecer os nossos pecados, com a humildade de nossos corações.

Leitura da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João (18,1-19,42).

Introdução:

O que no Domingo de Ramos expressávamos como o leitmotiv desta Semana Santa, podemos unir com o que na noite de ontem, Quinta-Feira Santa, dizíamos sobre a renovação sacerdotal. E também podemos conectá-lo com esta leitura da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Porque todas essas agressões, injustiças, violências, humilhações, desprezos e chacotas que Jesus padece, constituem a síntese, a culminação, a elevação e antecipação de tudo o que na história da humanidade expressa a agressão e contradição à experiência de Deus na alma. Esse é o núcleo que o Diabo não gosta, é aquilo que ele tinha e perdeu; então, por inveja o persegue, agride, contradiz, enreda, complica... etc.

O evangelho de São Mateus diz, claramente, que o motivo pelo qual crucificaram a Cristo foi a inveja (cf. Mt 27,18). Dizíamos domingo passado que a inveja se apresenta, muitas vezes, por

talentos, atributos, ou qualidades que as pessoas têm. Então, quem sente inveja e não tem essas qualidades, em vez de se aproximar numa boa de quem tem essas virtudes – e talvez até recebesse algo disso e se contagiasse – ao contrário, a inveja os leva a boicotar, trapacear, dar uma rasteira e/ou agredir a quem tem aquilo que invejamos. E isso o que digo qualquer psicólogo pode confirmar, pois a inveja conduz, precisamente, a agredir ou depreciar aquilo que no fundo é o que quero ter e não tenho, ou aquilo que tive e perdi. Que coisa curiosa!

Dessa mesma forma começou a história de nossos primeiros pais, Adão e Eva, que tinham tudo, mas não eram Deus. E foram ter justamente essa ideia: Se comerem do fruto proibido, serão como deuses (cf. Gn 3,5), lhes disse a serpente, que é símbolo do mal, do anjo caído, de Lúcifer; que, precisamente, é quem desejava ser como Deus e mesmo estando muito perto d'Ele se condenou. Então, enredou a nossos primeiros pais, e assim procedeu, sucessivamente.

Domingo passado, falamos sobre a agressão ou a tentativa de bloquear ou de espoliar essa experiência fundamental que o ser humano tem de Deus, pois essa união com Deus é o mais valioso que podemos ter na vida. Na noite de ontem, falamos sobre a renovação do sacerdócio e de nosso próprio sacerdócio, reconhecendo a graça da seletividade de Deus. E unindo esses dois momentos com o de hoje, é como que colocássemos nossas próprias vocações cristãs no caminho da Paixão de Cristo. No meu caso em particular, o sacerdócio ministerial; no caso de alguns de vocês, as distintas vocações (consagrações religiosas, matrimônios, filhos, famílias,

netos, ministérios, etc.), cada um com a vocação que Deus lhe deu. Jesus não atravessa a Paixão somente para acompanhar a todos que ao longo da história sofreriam perseguição por causa da Palavra de Deus, mas também para se colocar como nossa defesa, proteção ou escudo, para que, aos pequenos, nada nos acontecesse ou não chegasse a ser tão grave o que nos ocorresse.

Em primeiro lugar, esta via sacra – que dentro de instantes vamos representar pelas ruas, mas que neste momento estamos observando na leitura do Evangelho de São João – deixa claro a ameaça que o diabo fez a Jesus nas tentações do deserto, quando Jesus o derrota ao não seguir suas propostas. Porque diz o evangelho que “o diabo o deixou até o tempo oportuno” (Lc 4,13); e este momento oportuno é a Paixão, onde Satanás descarregou em Cristo todas as suas forças. Por isto, devemos ter claro que todas as perseguições, críticas ou dificuldades que se produzem contra a experiência de Deus estão, primeiramente, dentro de cada um de nós. Cada vez que a gente se decide a seguir a vontade de Deus, ou por obedecer a Deus, ou por ser fiel, a primeira que se opõe é nossa própria natureza.

Por exemplo, hoje coloquei um ornamento parecido ao que usei quando me ordenaram sacerdote – para seguir com o mesmo de ontem à noite – o da cruz inclinada ou “y”, que costurou e me presenteou uma das minhas companheiras religiosas, a Ir. Maria Rosa. Em minha ordenação pus essa casula que tem, justamente, a cruz da seletividade, que parece um “funil”, e é como se Cristo estivesse com as mãos para cima, assinalando que Este é o Filho, Este é o escolhido, Nele o Pai pôs

todas as suas complacências (cf. Mt 3, 17; 17,5; Mc 1, 11; Lc 9, 35), por isso é o símbolo da seletividade. Também, diga-se de passagem, coloquei a mesma fragrância com a qual me perfumaram quando fui ordenado sacerdote, há 30 anos. Percebe-se o aroma do perfume de pinho que me relembra, justamente, aquele momento sagrado.

Mas cada um de vocês relembre as experiências de Deus que tiveram, seja da primeira comunhão, seja daquele retiro no qual Deus falou, seja daquele sacerdote que conheceram. Ontem contava sobre um tio meu que, escutando a um grande pregador, o seguiu durante uma semana em uma turnê que estava realizando. Meu tio era açougueiro e, no entanto, encontrou seu caminho na vida ao conhecer esse missionário. Depois, o pregador se foi e ele voltou ao seu açougue, mas ficou guardada aquela experiência. Para outros, quem sabe tenha sido o momento do casamento, ou quando tiveram seus primeiros filhos, ou aquele momento de oração na Igreja, não sei; cada um saberá a profundidade dessas experiências fundamentais que teve com Deus.

Mas lhes reitero que, se se quer ser fiel a isso, o primeiro que começa a resistir é nossa própria natureza. E então aparecem os questionamentos: “Para que andar perdendo tempo com essas coisas? Como vou seguir essas loucuras?! É melhor ir fazer as coisas importantes na vida, como estudar, trabalhar, ganhar dinheiro, forjar um futuro; imagina se vou dar importância a isso que me ocorreu em um retiro, em um templo, em uma Igreja, ou ao que senti na primeira comunhão; melhor é atender às necessidades básicas: dormir, comer,

a saúde, a família” etc. A natureza humana resiste porque tende à inércia, à regressão, ao passivo. Se fosse pela natureza, nunca haveríamos progredido, pois, para que se dê o progresso, tem que haver violência, tem que haver contradição, tem que haver renúncia. Se fosse por nós, ainda estávamos nas cavernas dormindo, mas graças a algo ou alguém – seja a fome, ou seja, a mulher do homem da caverna – que lhe disse: “Ei, por que não vais caçar um bisonte?”. “Se já estamos bem assim, mulher, para que ir? Com estes arbustos que consegui hoje, já está bom. “Mas não! Vai caçar um bisonte que está no vale”. E bem...

Essa violência contra o status inerte da própria natureza é a que nos levou ao progresso. E se admitimos isso para o progresso humano, como não vamos admitir para o progresso espiritual? Devemos fazer violência sobre tendências naturais, instintivas, provavelmente básicas, que todo o ser humano tem. Assim, quando escutem sobre as “opções atuais” por instintos primitivos, não creiam que são opções; esses são os instintos primitivos que todos temos e devemos nos sobrepor a isso para controlá-los, para dominá-los, para progredir e para não viver em uma selva, e sim em um jardim. Um jardim se alcança assim: controlando a natureza, não a deixando vir. Se todo o instintivo, o espontâneo e o natural que temos, sai sem controle nem ordem, repito, ou estamos nas cavernas, ou estamos nas selvas.

Então, todos esses pensamentos, especulações, interpretações e sentimentos que o ser humano tem, parecem se opor às oportunidades espirituais que Deus nos propõe; portanto, aí deve se dar esse primeiro

combate espiritual, perante nós mesmos, perante a nossa própria natureza que tende, como a lei da gravidade, sempre para baixo. E devemos nos levantar, e devemos fazer força, como no halterofilismo, onde os que levantam pesos se esforçam para levantá-los, porque tudo vai “para baixo”, tudo tende à terra, ao baixo, e temos que fazer esforço. Essa é a conquista do ser humano, da civilização, da cultura, da sociedade, e da fé. A humanidade padece de violência e, também, o reino dos céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele, disse Jesus, sobre a força de sobrepor-se a si mesmo (cf. Mt 11, 12; Lc 16, 16).

Em segundo lugar, quem quer ser fiel à vontade de Deus em si mesmo, à vocação, aos valores cristãos, aos valores religiosos, a essas moções que Deus põe em nosso coração, tem que enfrentar-se ou atravessar a perseguição, a crítica, os menosprezos, e a coação do afetivo. Ou seja, de tudo aquilo com que temos vínculos, relações, sentimentos (família, amigos, os próximos), logicamente, quando estes veem que a pessoa muda e começa a seguir estas rotas diferentes das do mundo, vão vir a aconselhar o contrário, dizendo que é com boa intenção, e vão vir chantagear até com a culpa: “Que filho mau este, que abandonou a mãe para virar padre; que péssimo irmão este, que deixa a seus irmãos desamparados e se vai ao convento”. Ou a menina que abandona aos seus pais, sendo a caçula. Como exemplo, lhes recomendaria que lessem “Como água para chocolate”, de Laura Esquivel, a conhecem? É uma novela onde a filha menor de uma

família deve ficar solteira para cuidar da mamãe, arruinando assim sua vida.

Suponho que em algum momento aconteceu também com vocês, como a mim, que todo o mundo afetivo protestara porque se estava elegendo algo diferente. Irmãos, amigos, pais, mães, minha avozinha – que descansa em paz – e ainda eu era o seu preferido, até ela também se opôs ao caminho religioso. Mas a mandei voar, com todo respeito, em nome de Deus Nosso Senhor, chega! Maior que minha avozinha é o Espírito Santo. Eu a amei muito e sigo amando-a, mas: “Avozinha: não se coloque entre eu e Deus”. “Get out of my way”, como dizem os gringos. E tive de dizer isso a minha avozinha: “Saia do meu caminho!” Sorry... Imaginem tudo o que protestou. Mas depois, com o tempo, lá veio a Dorila lá na Capela “María Reyna”: estava na primeira fila. Lembram quando eu mudava o nome e lhe chamava de Catalina? Ficava brava! Teresa, não tens um avô que se chama Olegário? Seu esposo também se chamava Olegário. Bem, minha mãe não agia da mesma maneira, ela se sentava no fundo e não queria que a reconhecessem, de tão humilde que era. Mas minha avó se sentava na primeira fila e repetia: “Esse é meu neto”.

E suponho também que lhes terá acontecido o mesmo com algumas antigas namoradas, que tiveram que deixar, e por isso tiveram que escutar alguns xingamentos, porque frustraram expectativas de pessoas que os amavam. Pessoas que queriam nos ver profissionais, que queriam nos ver casados, queriam nos ver no “pago”, lá no rancho a vida toda... E, fomos embora. Quantos de nós

fizemos o mesmo?! E fomos embora para seguir a vontade de Deus, para progredir. E lá ficaram “os próximos” protestando. Mas com o tempo, os protestos, logo se transformaram em apoio, porque não há maior benção em uma família que um filho eleito por Deus, ou uma filha que seja fiel a Deus. Porque eles vão ser depois os para-raios da família, da comunidade, do grupo de amigos e até do rancho; graças a esse que Deus elegeu, Deus abençoa o pai, a mãe, os avós, e lhes dá cem por um. Mas tem que aguentar as punhaladas quando o afetivo, as culpas ou os remorsos se opõem. Não é assim? “Olha esse ingrato! Se vai para Tijuana e nos deixa aqui no rancho, sozinhos”. Ah sim! Mas na semana seguinte, quando recebe a remessa, “fica em Tijuana, meu filhinho”... Estou falando das remessas espirituais, não somente das de dinheiro.

Em terceiro lugar, além da oposição afetiva dos vínculos que criticam ou se sentem agredidos no início, poderíamos dizer que enfrentamos, na Paixão ou nesta jornada, a oposição, críticas, desprezos e ataques do social. Ou seja, já não só dos mais próximos e queridos, senão, especialmente, do mundo, da sociedade, da comunidade na qual vivemos. Porque parece que, pra quem vê de fora, eleger o caminho de Deus é percebido como uma agressão aos valores estabelecidos. Por exemplo: se todos estão trabalhando pelo meio ambiente e eu agora vou ao convento rezar e não faço nada pelo meio ambiente, parece uma agressão. Ou na família: se estamos trabalhando pela reestruturação familiar e surge alguém que não se casa, nem forma uma família, e além disso vai como missionário para

a África, parece que está debochando da família. Mas não é isto, longe disto, porém, se experimenta assim.

Hoje estava assistindo ao Papa Francisco fazer a via sacra no coliseu romano, onde matavam aos cristãos, e dizia a mim mesmo: “Mas o império romano, poderoso naquela época como hoje são nossos irmãos americanos – digo, são imbatíveis em todo o mundo – por que vão se preocupar com uma seita, com um pequeno grupo de religiosos, que a única coisa que faziam era rezar nas catacumbas?” Mas o que lhes preocupava, era que a atitude dos cristãos era sentida como um deboche, como se desprezassem os grandes valores imperiais, como se para os cristãos não lhes importasse – e segue não nos importando – os valores do mundo, por seguir a vontade de Cristo. E isso se vive como uma agressão. E não porque se deprecie a pátria, a família, a saúde, o meio ambiente ou o progresso econômico; não estamos depreciando nada disso, estamos elegendo outra coisa. Mas quem se apega nessas coisas, vive estas opções cristãs como se fossem uma agressão ou como se estivéssemos delatando os erros dos outros. E a gente poderia dizer: “Eu não te disse nada; tu segues fazendo teu mundo, teu planeta, o que me importa o que fazes? Mas deixa-me fazer o que quero com tranquilidade. E pensa bem ao me agredir”. Porque hoje reiteramos o que dizíamos no Domingo de Ramos: vamos defender a experiência primária, não só fundando instituições que a protejam, mas “a cotoveladas” se for necessário. Primeiro mostramos o cartão amarelo, não é assim? Warning, hey! Tranquilo. Segue em teu mundo, se queres te drogar, ou se queres

trabalhar, ou progredir economicamente, ou especializar-te em arte, ou conhecer o mundo. Ok! Perfeito, vai lá! Mas me deixa tranquilo com meu Deus. Agora, se começas a ser inoportuno e te atravessas em meu caminho, vou mostrar o cartão vermelho! Ah não! Devemos defender nossa relação com Deus com capa e espada. Se insultam minha mãe, me ponho a lutar, não é verdade? Então, se insultam ao meu Deus, o que farei? A isso chamamos de oposição, o ataque ou a contradição social. E aqui, na Paixão, Cristo tragou todas juntas. Um império crucificando a um carpinteiro. Parece absurdo. No entanto, sua atitude deixava em evidência ou questionava os grandes valores imperiais do momento, ou os culturais e sociais que, até os dias de hoje, seguimos questionando.

Em quarto e último lugar, esta Paixão de Cristo volta a nos refrescar a memória, se havíamos esquecido, que as verdadeiras opções religiosas e espirituais, especialmente, onde mais são combatidas – lamentável e vergonhosamente – é dentro da Igreja. Quando perguntam ao profeta Zacarias: “Que são essas feridas em teu peito?”, ele responde claramente: “Aquelas que recebi na casa de meus amigos” (Zac 13,6), não na casa de meus inimigos, que seria o lógico, senão na casa de meus amigos. Aqui, neste processo de sua Paixão, os que traíram a Jesus são seus discípulos: há um que o vende, outro que o nega, e outros que pedem que o crucifiquem, porque muitos desses o conheciam e até sabiam onde rezava. Portanto, talvez o problema fundamental seja defender e proteger essas experiências de Deus, de seletividade, de graça, dentro dos âmbitos religiosos

onde, lamentavelmente, podem existir, pela maldita inveja – desculpem, pois não há outro termo para conceituá-la – competições más ou rivalidades.

Muitos dos que integram a Igreja, provavelmente, tiveram as experiências de graça que outros têm e as perderam, ou elegeram outras coisas. Então, em vez de reconhecer o erro e o pecado, o projetam – diria um psicólogo –, tratando de tirar o cisco que está no olho alheio, sem reconhecer a trave que está em seu próprio (cf. Mt 7, 3-5; Lc 6, 41-42). Assim, a experiência religiosa, a experiência espiritual, a experiência da seletividade – e afirmo com total tranquilidade, pois tenho mais de 30 anos de experiência no tema –, precisamente é o mais desejado, mas também o mais combatido dentro da Igreja. Porque se nos colocamos a ajudar os pobres, não há problema; se nos pomos a ajudar os que estão inundados não sei aonde, ao contrário, vão nos aplaudir; se nos colocamos a encabeçar a defesa do meio ambiente, ou a resgatar cadáveres na mina de Pasta de Conchos, ou liderar os grupos de autodefesa em Apatzigán – digo estas coisas porque, nestas semanas, recordo ter visto alguns sacerdotes nisso – aí não há problema... Em geral, salvo os narcotraficantes, os demais vão nos aplaudir. Mas se nos colocamos a defender a experiência de Deus, contemplativa, íntima, religiosa, e a dizer claramente que “isso é palavra de Deus, porque Deus me disse”, isso é insuportável para quem teve isso e perdeu. Por isso também Cristo assume e sofre perseguição, porque se fazia igual ao Pai (cf. Jo 5,18) e disse: Eu e o Pai somos um (Jo 10, 30). E nós

cristãos, da mesma maneira, seguimos falando da intimidade com o Senhor, não por nossas virtudes, nem nossas qualidades – que não temos –, senão pela seletividade de Deus, porque Ele assim o quis. E isso vamos defender. Olhem como tremo! O verdadeiro temor é para Deus, não ao mundo, nem ao diabo, nem a carne, nem ao sangue, e menos ainda aos laços espirituais que possamos forjar mas, assim como fizemos com minha avozinha, com minha mamãe, com minhas tentações e com o mundo, também vamos dizer a isso: get out of my way!, sai do meu caminho! Primeiro cartão amarelo, e o segundo vai o vermelho. E aí vai a vida, mas isso não podemos tolerar, porque está em jogo não só nossa felicidade neste mundo, senão também a vida eterna.

Finalmente, como não pode ser de outra maneira, e como hoje lemos no capítulo 19 de São João, junto da cruz, violenta, voraz, questionadora, depreciadora e crítica de Cristo, digo, perto da cruz de Jesus estava sua mãe (v.25). Entre todas as criaturas, Ela foi a que mais compreendeu o caminho da espoliação dessa experiência de Deus, porque Maria Santíssima, como Mão de Cristo, Mãe Dolorosa e Mãe dos mártires – sem derramar sangue visível, mas sim derramando sangue espiritual –, é a que mais sabe dos combates e lutas contra o diabo, contra Satanás, contra as tentações, contra o mundo, contra a carne e contra o sangue, por defender a seu Filho e a seu Deus. Que Maria Santíssima nos acompanhe, não só nesta Sexta-Feira Santa, quando relembremos a Paixão de Cristo que se repete em cada cristão, senão que Maria Santíssima nos estenda a mão, como

sempre nos estendeu, para que no peregrinar e no caminhar por esta vida, ao fim dos tempos, verdadeiramente, e já sem intervalos, nem distâncias, nem lágrimas, nos encontremos definitiva e eternamente com Jesus Cristo, que é seu Filho e nosso Salvador. Que assim seja.

Ressurreição de Jesus na Alma



19/04/2014 – Sábado Santo –
Vigília Pascal

Leituras: Gen 1,1-31; 2,1-2; Sal 103,1-2a.5-6.10 e 12-14.24 e 35a;
Gen 22,1-18; Sal 15,5 e 8-11; Êxo 14,15-15,1; Êxo 15,1-6.17-18; Isa
54, 5-14; Sal 29,2 e 4-6.11.12a.13b; Isa 55,1-11; Isa 12,2-6; Br 3,9-
15.32-4,4; Sal 18,8-11; Eze 36,16-28; Sl 41,3.5bcd; 42,3.4; Rom 6,3-
11; Sl 117,1-2.16ab-17.22-23.

Leitura do santo evangelho segundo São Mateus (Mat 28, 1-10)

Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto: pois o Anjo do Senhor, descendo do céu e aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se sobre ela. O seu aspecto era como do relâmpago, e a sua roupa, alva como a neve. Os guardas tremeram de medo dele e ficaram como mortos. Mas o Anjo, dirigindo-se às mulheres, disse-lhes: “Não temais! Sei que estais procurando Jesus, o crucificado. Ele não está aqui, pois Ressuscitou,

conforme havia dito. Vinde ver o lugar onde ele jazia. Ide já contar aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos, e que ele vos precede na Galileia. Ali o vereis. Vede bem, eu vo-lo disse!”. Elas, partindo depressa do túmulo, com medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos. E eis que Jesus veio seu ao encontro e lhes disse: “Alegrai-vos”.

Elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, prostrando-se diante dele. Então Jesus disse: “Não temais! Ide anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galileia; lá me verão”.

Ao falar da morte, a morte de verdade, refiro-me à ausência ou o corte com Deus, nosso Senhor. A isso sim tenho medo! Isso me espanta e fico arrepiado. E tomara seja assim durante toda a minha vida, para seguir vivendo o último – mas não menos importante – dos dons do Espírito Santo: o Temor de Deus. É o temor de perder a Deus, de estarmos desconectados d’Ele, que seja cortada a seiva, a vida, a energia, aquilo que faz com que o ser humano seja tal, que o mundo siga andando e que sigamos tendo esperança. A isso, sim, temo.

Essa perda se dá por causa do pecado, como as mentiras, as armadilhas, os enganos, ódios, ressentimentos, infidelidades, vinganças, desejos de revanche, calúnias, falsos testemunhos, agressões, violências etc. Tudo isso mata a Deus na vida, no mundo, na alma. E não é porque Deus vá embora, mas é porque o ser humano O expulsa; é o homem, pelo pecado mortal – por isso dizemos assim, porque isso é verdadeiramente mortal – quem rompe a relação com

Deus, e chega, definitivamente, a noite para nós. Recém todo o templo estava às escuras, não é assim? E quando eu apagava a luz do fundo, brincava com vocês dizendo: “Trouxeram uma lanterna?”. Mas viram que era de brincadeira; ou seja, não havia ocorrido um apagão em Tijuana, nem um curto-circuito que nos tenha deixado sem eletricidade, nem mesmo um ataque terrorista que fez voar a represa Abelardo Rodríguez e nos deixou sem energia. Não! Simplesmente desliguei o interruptor, depois acendemos e voltou a luz. Mas é diferente se ficamos sem energia, pois quando termina, quando não está essa força, quando não existe essa vitalidade que ilumina a nossa vida, aí sim ocorre um apagão definitivo. Não é assim? Nesse caso, devemos entrar em contato com a Comissão Federal de Eletricidade para ver o que aconteceu, ou nós, os moradores, nos responsabilizamos para reclamar, etc.

Bem, perdoem o exemplo bobo, mas foi o que vivemos há pouco. Assim, também, é a diferença que há entre as distintas mortes que vivemos ao longo da vida. Uma morte é física, a das lembranças, amizades, épocas, ilusões, projetos ou ideais que possamos ter tido; e outra é aquela que estou falando, que é a morte definitiva, que é o rompimento com Deus, que é o pecado mortal. Esse pecado, essa morte, é a que atravessou Cristo sem ter pecado; e os santos também experimentaram essa morte. No Creio dizemos: descensos ad inferos, isto é, em sua morte, Cristo desceu aos infernos, ao inferior, o que significa que Ele experimentou a consequência do pecado mortal sem ter pecado, para nos redimir.

E isso é o que hoje, em primeiro lugar, estamos celebrando. Cristo era o único que podia descer ao Sheol – como se chamava antigamente o lugar dos mortos – não só à tumba, não só ao sepulcro, mas à ausência de Deus. Estando na cruz, Jesus disse: Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste? (Mat 27,46; Mar 15,34); ou seja, ele não pergunta se Ele o abandonou, senão que o toma como um fato ocorrido. Jesus experimenta em si, como homem, a separação de seu Pai, o abandono do Pai; e isso, que é a consequência do pecado, ele experimentou sem ter pecado, para nos tomar sobre si e carregar a nós todos que, pelo pecado, abandonamos a Deus. Essa é a celebração da Páscoa de Cristo que, sendo Deus, se fez homem e assumiu nossa natureza humana, especialmente as consequências do pecado, sem ter pecado, para nos redimir; e por isso, através de São Paulo, nos diz: para aqueles que têm morrido comigo, ressuscitem também comigo para a glória da ressurreição (cf. Rom 6,8-9; 2Tim 2,11). Isto é o que estamos celebrando. Esse é o ponto fundamental da celebração da Vigília Pascal, pois Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé (1Cor 15,14).

Ao mesmo tempo em que estamos vivendo esse acontecimento fundamental de nossa fé, também, como viemos meditado em toda a semana santa, estamos vivendo, celebrando e festejando a renovação, recuperação, ressurreição, de muitas de nossas experiências de Deus. Refiro-me às experiências de união com Cristo que tivemos ao longo

da vida, que podem ter sido no Batismo, na primeira Comunhão, em momentos de oração, de chamado, de vocação religiosa ou em circunstâncias nas quais encontramos o sentido da nossa vida, dado por Deus, não somente por uma profissão ou trabalho, não somente por oportunidades de progresso, mas por oportunidades de Deus. Cada um, se revisar sua vida, encontra essas experiências fortes de Deus. Mas com o decorrer do tempo, às vezes, perdemos essas experiências de vista, seja por negligências pessoais, por descuido ou por esfriamento que nós mesmos geramos. Outras vezes as perdemos pelas perseguições que podemos ter sofrido na vida cotidiana, porque quem sabe zombaram de nós, e se éramos fiéis àquilo que experimentávamos, ficávamos fora de uma família, de um grupo, de uma profissão ou de uma oportunidade. Como ontem à noite dizíamos na celebração da Paixão, também pode ser por pressão, por ameaças, por violência social ou por violência afetiva; quando também nos chantagearam ou nos deixamos chantagear, não só por nossos pensamentos, mas também por nossos entes queridos. Ontem lhes contava de minha avó Dorila – que descanse em paz – e como ela protestou quando decidi minha vocação religiosa, sendo que ela não hesitava em mostrar que eu era o seu neto predileto – porque fui o primeiro e, além disso, seu afilhado. Não vou repetir o que disse ontem, mas, mais ou menos, lhe disse: “Bem, sorry, vizinha. O que eu vou fazer?! Eu gosto muito de ti, mas nisso não vou lhe fazer caso”.

Mas cada um lembre o que teve que fazer para enfrentar ou assumir solidões, desprezos, más interpretações, etc., e às vezes, não

só por um progresso laboral, senão por Deus, por quem também tivemos que vir à Tijuana. Quantos de vocês terão deixado a namorada lá no rancho protestando, ou a mamãe recriminando: “Ingrato! Agora vais para o norte e nos deixas aqui no rancho!”. Claro que, depois, recebem as remessas que enviamos, porque podiam ter dito: “Guarda tuas remessas!” Bem, cada um saberá tudo o que significam os passos fundamentais que têm dado na vida.

Então, pode acontecer que, ao sermos afetados pelos nossos pensamentos, dúvidas ou interpretações, terminem nos fazendo desconfiar de Deus. Quem sabe também, por terem nos pressionado ou termos deixado nos pressionarem, acabamos não defendendo a experiência de Deus; ou porque nos chantagearam ou coagiram afetivamente – que às vezes é o pior – e nos deixamos coagir, e assim, abandonamos o que Deus desejava para nós. Ou ainda, dentro da Igreja, no caminho cristão ou espiritual, porque às vezes nos conformamos com certos status que alcançamos, crendo que já somos os “bam-bam-bam” e não continuamos progredindo, e com isso renunciamos a Deus. Por todas essas coisas, parece que essas experiências de Deus, esses momentos de força, de energia, de alegria, de gozo – que Santo Inácio de Loyola chama de “consolação” – foram ficando como “mortos”.

E a esses “mortos” que pareciam inertes, rígidos, coisas do passado ou que caíram no esquecimento, hoje é como se o próprio Senhor, queridos irmãos – como disse quando ressuscitou a menina,

ou ao filho da viúva de Naim, ou a Lázaro – nos dissesse: Esses não estão mortos, dormem (cf. Mc 5,39; Lc 7,12-14; Jo 11,11). Essas experiências de Deus não morreram, essas experiências de Deus estão adormecidas, estão como que arquivadas, oxidadas, lá no sótão, diriam os psicólogos; e por isso é que na Direção Espiritual estudamos tanto para resgatar e recuperar, agindo como a parteira, e trazendo a criatura ao mundo. Pois, tratando de recuperar essas experiências, é assim que fazemos. E isso é o que estamos celebrando também nesta Vigília Pascal: aquele que parecia morto, não está morto, está dormindo. E aí segue, vivíssimo, quem sabe coberto por inúmeras preocupações, urgências, obrigações, responsabilidades, pressas e ansiedades que o encobrem. Mas não está morto. Está aí.

É como se o próprio Senhor nos dissesse hoje, que não somente atravessou a morte verdadeira, real, do corte com Deus, onde não há retorno – a isso chamamos de inferno e não quero nem pensar, embora às vezes deve-se fazê-lo, ao menos para não cair nisso – senão que hoje, o Senhor nos propõe também celebrar a renovação, a recuperação e a ressurreição dessas experiências de Deus na alma humana, na Igreja, no mundo, em nossas comunidades. A Igreja segue demonstrando não só que Deus existe, mas que Deus atua; e como o mundo segue tentando fazê-la desaparecer e ataca, surgem ondas e tormentas sobre a barquinha de Pedro. Sabem o que Jesus estava fazendo quando desatou a tormenta sobre o Mar da Galileia? Estava dormindo na popa, que é o lugar onde mais balança o barco. E ali estava Jesus, dormindo tranquilo, e quando o despertaram ele

repreendeu aos apóstolos dizendo: “Por que tendes medo, homens fracos na fé?” (cf. Mar 4,36-40; Luc 8,22-25; Mt 8,23-26). Ou podia ter dito, palavra mais, palavra menos: “Ai que medo, como estou preocupado!” e Jesus se virou e disse: “Mar, acalma-te”, “acalma-te” disse ao vento, ao mar e à tormenta. E pronto!

Diante dessas tormentas, acusações, pressões do mundo: “Ó, ai como tremo!” Perante essas pressões ou coerções afetivas que muitas vezes taparam a experiência de Deus: “sorry” para minha vovozinha, minha mamãe, meus amigos... Mas depois, as remessas espirituais chegaram a todos: bendito seja Deus! Porque quando Deus elege alguém de uma família, de um povo, de um grupo, depois não se esquece de onde o elegeu. Por isso, assim que chegaram minhas irmãs da Argentina e do Uruguai, rezamos a primeira Missa na intenção da mãe de uma e pelo pai de outra, a quem tive a alegria de conhecer. Porque se Deus pediu a eles uma filha, não vai se esquecer deles, embora houvessem posto alguma reticência quando elas decidiram se tornar freiras. Mas Deus, depois, não se esquece do grupo, do rancho ou da comunidade. Bendito seja Deus!

Portanto, hoje estamos celebrando isso: surge o que parecia morto, mas estava só dormindo. E surge na Igreja. Apesar das pressões internas dentro dela, apesar dos vai-e-vem, apesar dos que creem ser os donos da verdade, donos do Espírito ou da doutrina, Jesus segue dizendo: “Ai que medo! Sim, claro, me dói, são meus filhos! Mas não temo a isso”. E mais: acontece ao contrário, pois a plantinha que parece ser bloqueada, contradita, agredida, sepultada e

fuzilada, bem podemos dizer hoje que acontece o mesmo que diz Goethe no Fausto: “Os mortos que vós matais – ou que acreditavam que estavam mortos – gozam de muito boa saúde”. Frase não tão católica, mas muito real. E é isso o que também hoje estamos celebrando, festejando e agradecendo a Deus, porque isso não acontece por nossos méritos ou forças, senão porque Ele é teimoso, obstinado, perseverante, e porque Ele nos disse: Meu amor não te escapará, eu te prometi e vou cumprir. Talvez te esqueças de mim, mas eu de ti não me esquecerei (cf. Is 49,15) e estarei contigo para sempre (cf. Mt 28,20).

Temos a alegria de celebrar neste ano, junto ao Papa Francisco, uma renovação da Igreja. Também temos ao Santo Cura Brochero, que acabam de beatificar em Córdoba. Para os mexicanos, digo-lhes que era um padre parecido com um caipira, porque andava com seu burro, fumando, não tinha uma linguagem elegante, mas vivia uma santidade que influencia a todos. Este santo nos mostra novas e atuais formas de viver a santidade, que é o que a Igreja também quer apresentar. Será em teu trabalho, em tua casa, no supermercado, nas “Playas”, em “La Revu”, ou até em “Las Vegas”, como disse uma vez no Seminário: “Jesus também entra em “Las Vegas”, e riram. Mas a Igreja mostra novas formas de santidade. Do mesmo modo, em poucos dias, vamos viver a canonização de São João Paulo II. Bendito seja Deus! O polaco que revolucionou o mundo, o virou do avesso e agora temos a alegria de participar de sua canonização, além de amá-lo com tanta devoção.

Finalmente, queridos irmãos, nessa Ressurreição de Cristo, que surge do lugar dos mortos, nesta ressurreição, renovação, recuperação ou renascimento da experiência de Deus perdida, esquecida, desvalorizada, criticada, atacada, presunçosamente assassinada – mas viva e atuando – dizemos com Cristo: o Amor nunca morre (cf. 1 Cor 13,8). E também invocamos Àquela que, com fé e esperança, esteve presente junto à cruz de Jesus (cf. Jo 19, 25), vendo, sentindo e experimentando a morte, não só de seu Filho único, senão de seu Deus, com uma fé inquebrável, maior que a de Abraão. E Ela provavelmente foi – tenho certeza – a primeira a quem, de maneira privada, seu próprio Filho se apresentou ressuscitado. Isto também diz Santo Inácio de Loyola: que provavelmente em segredo e de maneira reservada Jesus se apresentou Ressuscitado primeiro para sua Mãe Santíssima – diferentemente do Evangelho que relata que a primeira a ver Jesus foi Madalena. A Ela, nossa Senhora da Páscoa, nossa Senhora da Ressurreição, da renovação espiritual, da experiência de Jesus na alma, pedimos que nos fortaleça, nos ilumine, siga nos guiando e acompanhando com sua mão firme, para que no fim dos tempos, depois de atravessar os desafios dessa vida – ante os quais, repito, deixando de lado o pecado mortal, não temos medo – cheguemos firmes, radiantes e plenos na fé – ainda que esfarrapados pelo sacrifício e pela vida – ao Reino dos Céus, à felicidade eterna, à Páscoa infinita, que é a vida plena de Jesus Cristo, Filho de Maria e nosso Salvador.

Queridos irmãos, que Deus os abençoe, que tenham uma feliz Páscoa da Ressurreição.

Que assim seja.